



## CONSIDERAÇÕES SOBRE O CÂNTICO DO IRMÃO SOL: A LÍNGUA VERNÁCULA NA POESIA FRANCISCANA

Veronica Aparecida Silveira Aguiar<sup>i</sup>

Professora Adjunta do Departamento de História na  
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

### RESUMO

Este artigo busca fazer um exercício de análise da historiografia sobre o Cântico do Irmão Sol do manuscrito assisiano 338, testemunho mais antigo do Cântico, transcrito nos anos 40 do século XIII. Este manuscrito do Cântico do Irmão Sol ou das Criaturas é atribuído a Francisco de Assis que teria ditado para Frei Leão entre os anos de 1225 e 1226. Por meio de uma linguagem popular, os elementos presentes neste Cântico expressariam a simplicidade do Pobre de Assis e o rompimento com a tradição das orações escritas em latim. Nesta discussão do manuscrito, partiremos das propostas teóricas-metodológicas de Jacques Dalarun, onde Francisco aparece como um personagem 'transgressor' do tempo em que viveu. Além disso, também seguiremos os postulados de Éloi Leclerc e Carlo Paolazzi como referenciais para a análise do poema.

**Palavras-chave:** Ordem franciscana; pobreza; Igreja; O Cântico das Criaturas; São Francisco.

### ABSTRACT

This paper aims to make an analysis of historiography exercise on the Song of Brother Sun of assisiano 338 manuscript, oldest testimony of the Song, transcribed in the 40s of the thirteenth century. This manuscript of the Canticle of Sun Brother or Creatures is attributed to Francis of Assisi would have dictated to Brother Leo between the years 1225 and 1226. Through a popular language, the elements present in this Song would express the simplicity of the Poor of Assisi and breaking with the tradition of the Latin prayers written. However, to discuss the manuscript, we leave the theoretical and methodological proposals of Jacques Dalarun, where Francis appears as an 'transgressor' character of the time in which he lived. We also will follow the postulates of Éloi Leclerc and Carlo Paolazzi as

reference for the analysis of the poem.

**Keywords:** franciscan Order; poverty; Church; The Canticle of the Creatures; Saint Francis.

## Introdução

Francisco de Assis foi o primogênito do casal Bernardone e nasceu em 1181 ou 1182, em Assis. Em relação à infância e juventude de Francisco, as informações são bastante escassas. Os historiadores tiram as informações basicamente das hagiografias (MICCOLI, 2004, p. 203-204). Francisco Bernardone teria sido educado na “cultura” e no idioma francês, porque talvez fosse falado em família como nos aponta Sabatier (SABATIER, 2006, p. 96). Do latim, ele tinha um conhecimento parco em nível de cultura de um comerciante, mas diante da preparação de um clérigo de boa formação, era considerado muito modesto. Do mesmo nível devia ser o seu francês; seria um conhecimento não escolar, mas prático, ligado ao mundo dos negócios e ao mundo dos divertimentos (MANSELLI, 1997, p. 41).

A partir dos vinte e cinco anos, Francisco decidiu seguir o exemplo de Cristo, serviu os marginalizados daquela sociedade, os leprosos. De acordo com as hagiografias de Celano e Boaventura, o momento mais importante da conversão teria ocorrido durante a realização de uma missa na igreja da Porciúncula, Francisco e companheiros ouviram as palavras do Evangelho de São Mateus sobre viver sem provisões. Este viver sem nada de próprio tem origem bíblica, uma

ressignificação do movimento Franciscano da primeira geração minorítica do seguinte trecho “Se queres ser perfeito, vai, vende o que possuis e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me.” (Mt 19, 21).

Ainda segundo Boaventura, à Igreja de São Damião (URIBE, 1990, p. 91-93) foi atribuída uma experiência mística de Francisco, que teria ouvido uma voz vinda do crucifixo da igreja dizendo: “Francisco, não vêes que minha casa está destruída? Vai e repara-a”, entendida no sentido literal porque o edifício estava em ruínas. Provavelmente tratou-se de reparações pequenas. No ano de 1212, esta igreja foi dada a Clara e as suas irmãs pelo bispo Guido. À Praça de São Rufino é atribuído o episódio em que Pedro Bernardone recorreu ao bispo da cidade, admoestou Francisco a devolver o dinheiro do pai e Francisco teria se despojado de suas vestes.

Apesar de ter “ganhado novos companheiros”, Francisco afirmou a sua autonomia (ninguém mostrou o que ele deveria fazer), não houve sugestão ou conselho de ninguém, foi através do “desígnio divino” espelhado na fórmula “vivere secundum formam sancti evangelii” (viver segundo a forma do Santo Evangelho) que surgiu a fraternidade, sem a complicação de particulares elaborações intelectuais e jurídicas (MANSELLI, 1997). No ano de

1209, Francisco decidiu ir para Roma, para explicar o seu ideal de vida ao papa, inspirados no evangelho. Em 1210, o papa Inocêncio III (1198-1216) concedeu apenas aprovação verbal.

Francisco estava decidido em sua penitência e, tendo chegado ao Evangelho, optando pela pobreza voluntária, embora sem perder nada da sua qualidade e tipicidade originárias da escolha da experiência entre os marginalizados. Ele vestiu o hábito de eremita que logo abandonou para assumir outro, ainda mais pobre, um pano rude com o qual se cobria e, no lugar de uma correia, uma corda, abandonando o bastão e os calçados, conforme um literalismo que era característico dos movimentos leigos populares penitenciais da Úmbria (MANSELLI, 1997, p. 75-76). Francisco tornou-se o fundador da Ordem dos frades menores, uma das Ordens mais importantes da Igreja romana e a mais popular. A obtenção da aprovação da sua regra foi no dia 29 de novembro de 1223, dada pelo papa Honório III (1216-1227). Antes disso, Francisco havia renunciado a ser o guia da sua Ordem em 29 de setembro de 1220.

O canto era importante para a pregação franciscana, foi um meio de irradiação do cristianismo e de evangelização (LECLERC, 2002, p. 138). O Cântico do Irmão Sol ou das Criaturas configura-se numa das primeiras obras literárias escritas no

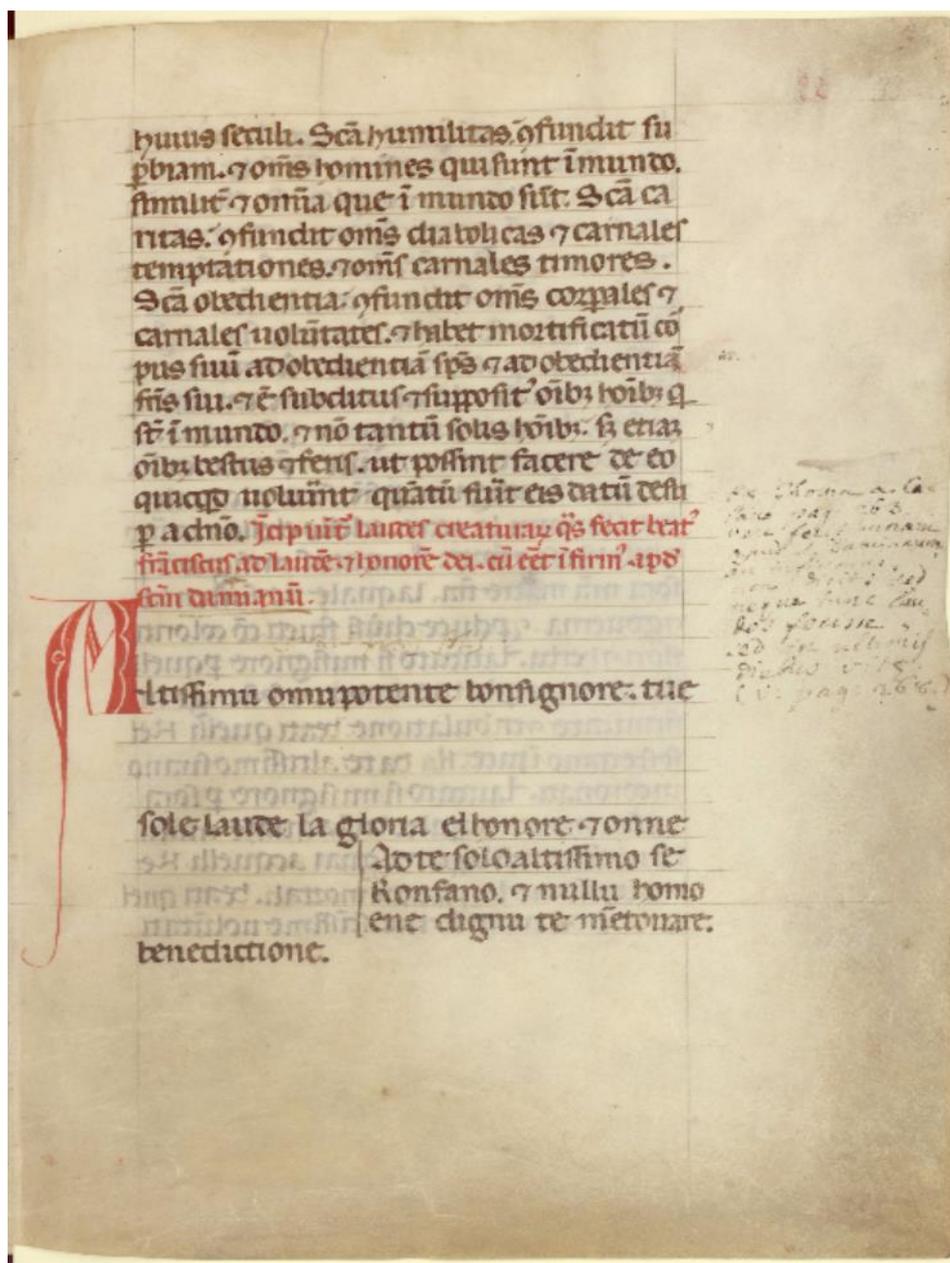
italiano vernáculo. Essa poesia franciscana foi escrita em língua italiana, na região da Úmbria entre 1225 e 1226, na introdução do texto lê-se: "Iniciam os Louvores das criaturas que o bem-aventurado Francisco compôs em louvor e honra a Deus quando estava enfermo em São Damião". Nos primeiros meses de 1225, Francisco ditou as *Laudes* enquanto estava doente, num momento de sofrimento, à Frei Leão. Na verdade, Francisco teria composto em diferentes momentos da vida, foi aperfeiçoado ao longo da sua trajetória e terminada no fim de sua vida.

Visto como um documento fundamental para a compreensão do ideal de vida de Francisco de Assis, este Cântico permite conhecer a relação de Francisco com a paz, um ideal de vida em harmonia com o ambiente que o cercava. Nesta composição a referência ao Criador e as suas Criaturas mostra uma contemplação que o Poverello vivenciou ao longo da sua trajetória, talvez um vestígio do movimento Franciscano da sua primeira fase, do momento da *fraternitas*. Ao escrever o Cântico, Frei Francisco estava num momento de saúde frágil, quase cego, numa angústia profunda, doente e no final da vida.

Neste artigo analisaremos os trechos do poema umbro do manuscrito 338 da Biblioteca comunal de Assis, situada no Sacro Convento. São eles, a saber, os fólios 33 frente e verso e o 34 frente, publicados no

livro “Le cantique de frère soleil” de Jacques Dalarun de 2014 (DALARUN, 2014), também digitalizados pelo *Cataloghi e*

*collezioni digitali delle biblioteche italiane* disponível pela internet conforme indicação a seguir<sup>ii</sup>.

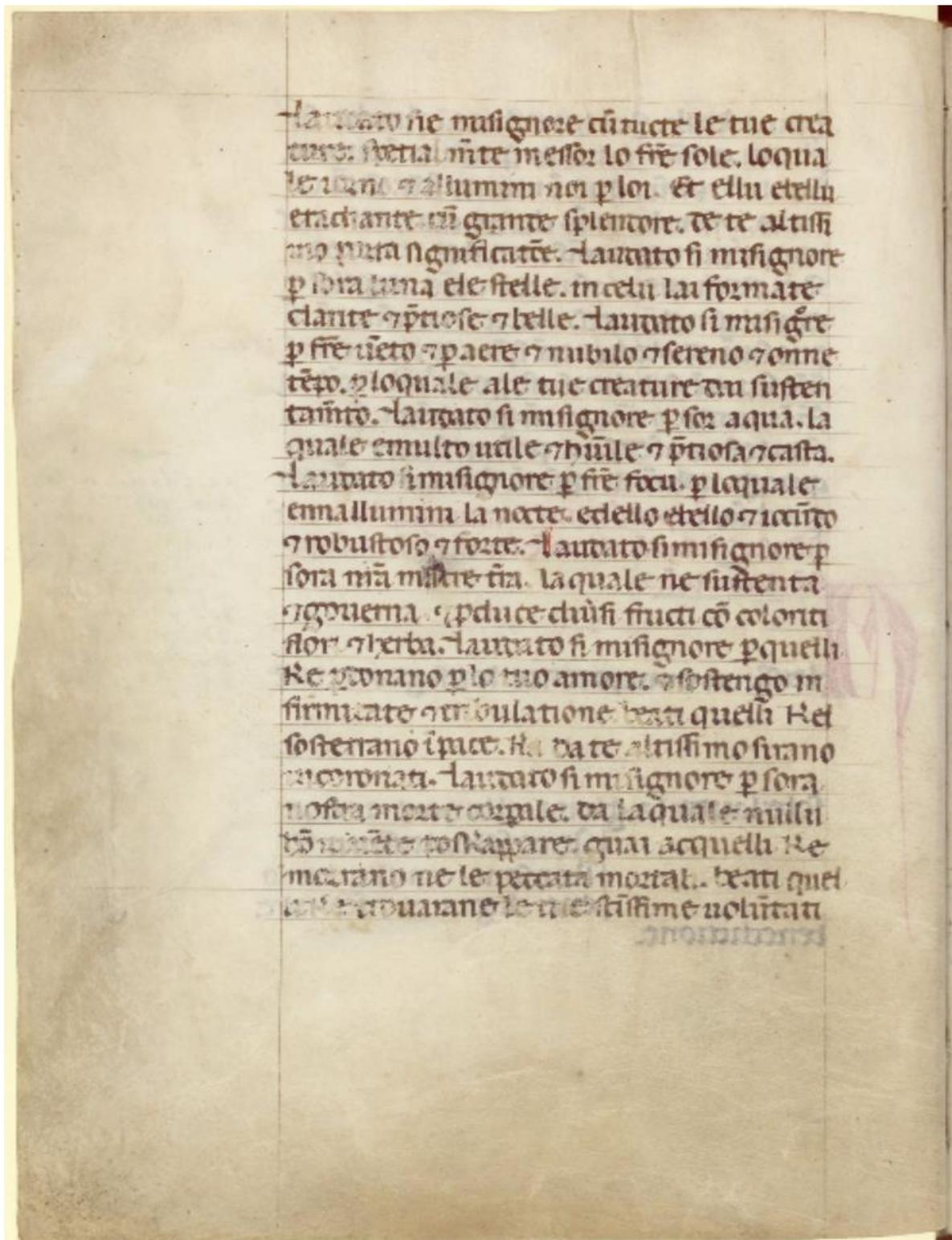


327

I. Fólio 33 frente do manuscrito 338

Fonte: disponível em:

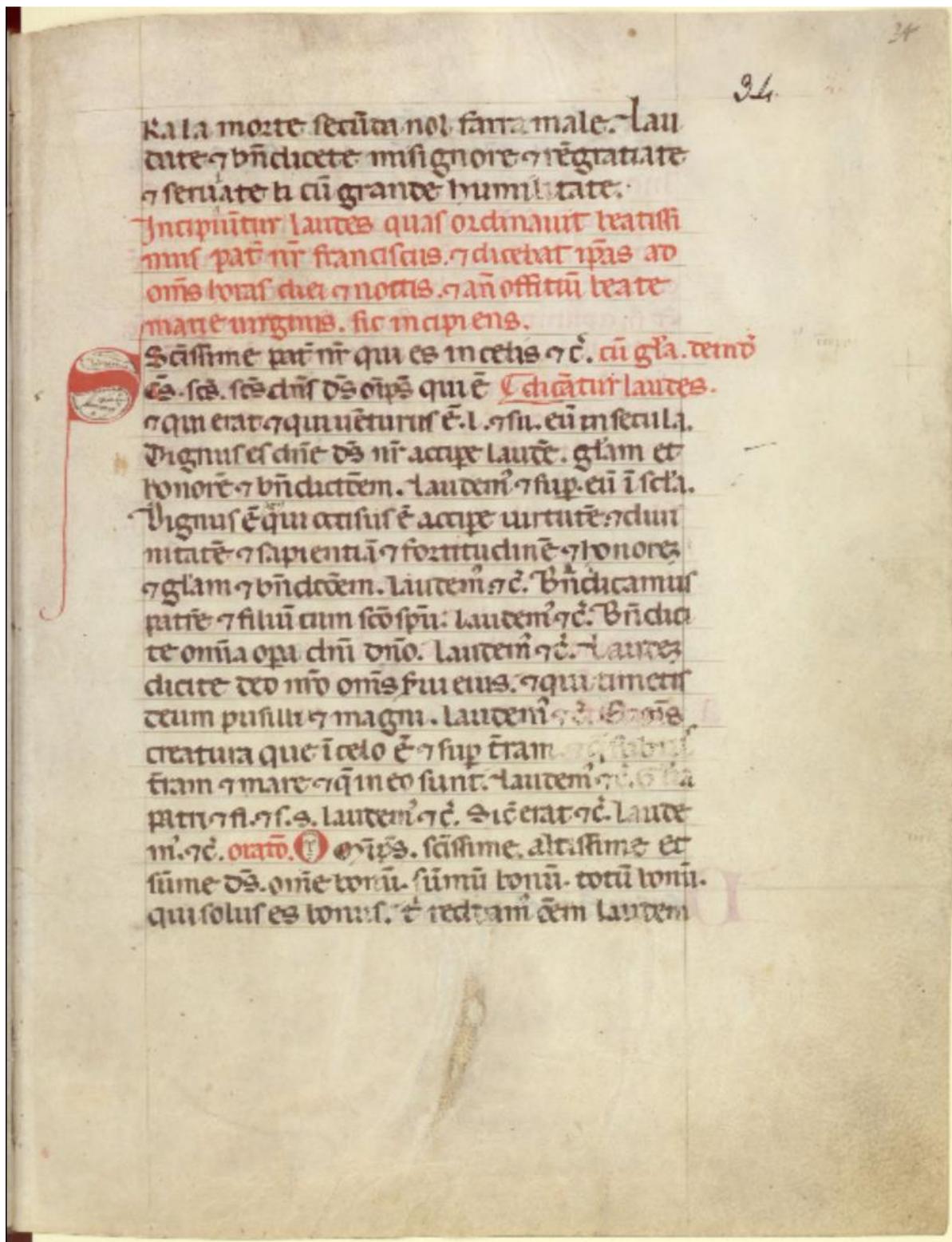
[http://www.internetculturale.it/jmms/iccvviewer/iccu.jsp?id=oai%3Awww.internetculturale.sbn.it%2FTeca%3A20%3ANT0000%3APG0213\\_ms.338&mode=all&teca=MagTeca++ICCU](http://www.internetculturale.it/jmms/iccvviewer/iccu.jsp?id=oai%3Awww.internetculturale.sbn.it%2FTeca%3A20%3ANT0000%3APG0213_ms.338&mode=all&teca=MagTeca++ICCU) Acesso: 30 jan. 2018.



II. Fólio 33 verso do manuscrito 338

Fonte: disponível em:

[http://www.internetculturale.it/jmms/iccvviewer/iccu.jsp?id=oai%3Awww.internetculturale.sbn.it%2FTeca%3A20%3ANT0000%3APG0213\\_ms.338&mode=all&teca=MagTeca++ICCU](http://www.internetculturale.it/jmms/iccvviewer/iccu.jsp?id=oai%3Awww.internetculturale.sbn.it%2FTeca%3A20%3ANT0000%3APG0213_ms.338&mode=all&teca=MagTeca++ICCU) Acesso: 30 jan. 2018.



329

III. Fólio 34 frente do manuscrito 338.

Fonte: disponível em:

[http://www.internetculturale.it/jmms/iccuviewer/iccu.jsp?id=oai%3Awww.internetculturale.sbn.it%2FTeca%3A20%3ANT0000%3APG0213\\_ms.338&mode=all&teca=MagTeca++ICCU](http://www.internetculturale.it/jmms/iccuviewer/iccu.jsp?id=oai%3Awww.internetculturale.sbn.it%2FTeca%3A20%3ANT0000%3APG0213_ms.338&mode=all&teca=MagTeca++ICCU) Acesso: 30 jan. 2018.

Conforme as imagens apresentadas, as letras maiúsculas indicariam os inícios dos versos, enquanto os pontos serviriam para assinalar não só o fim, mas também as subdivisões internas de cada um e a respiração para leitura (DALARUN, 2015, p. 22-23). Os espaços em branco da primeira página foram deixados para serem acrescentadas as notas musicais que, como pode ser visto, não foram colocadas.

### O manuscrito assisiano 338 da biblioteca do Sacro Convento

Para melhor compreender o documento faz-se necessário entender a diferença do sentido das palavras “canto” e “cântico”. A palavra Canto vem do latim *Cantus*, *cantum*, no sentido de *canere* “cantar”. Para o franciscanismo, significa o ato de cantar, cantoria, já a palavra Cântico do latim *canticum*, significa canção, no sentido de melodia, um poema lírico de caráter religioso, um cântico devocional, associado a composição poética de versos curtos, dividida em estrofes, para ser cantada por trovadores (SILVA, 2010, p. 170).

O Cântico é composto de sintaxes e léxicos, trazidos para a linguagem vernácula italiana a partir da Bíblia. As principais fontes bíblicas que são referências para o Cântico, concentram-se nas seguintes passagens: o salmo 148 e o Cântico dos três jovens na

fornalha do livro de Daniel (3, 57-88 e 56). Além disso, podemos iniciar a nossa análise a partir de alguns temas mencionados na poesia como a astronomia e a física, herança da antiguidade, mesmo com o sentido diferente dos antigos, deve ser lido sob a ótica da interpretação bíblica do medievo.

Laudato sie, mi' Signore, cum tutte le  
Tue creature,  
spezialmente messor lo frate Sole,  
lo qual è iorno et allumini noi per lui.  
Et ellu è bellu e radiante cum grande  
splendore:  
de Te, Altissimo, porta significazione.

Laudato si', mi' Signore, per sora Luna e  
le stelle:  
in celu l'ài formate clarite e preziose e  
belle<sup>3</sup>.

Tanto o sol, como a lua e as estrelas brilham no firmamento, assim, a disposição dos astros revela uma suntuosidade e o sol irradia com “grande esplendor”, entre a lua e as estrelas que são claras. Como vimos, o referimento é sempre bíblico e não astronômico. As criaturas celestes são três, o sol que é “belo e radiante com grande esplendor”, a lua e as estrelas que são “claras, preciosas e belas” (DALARUN, 2015, P. 47-49).

Para Jacques Dalarun (2015, p. 58), Francisco não amava a natureza e não venera a natureza neste Cântico, mas celebra a criação. Além disso, Francisco é tão pouco vegetariano quanto pouco ecologista (DALARUN, 2015, P. 75), não é um

admirador extasiado da natureza (DALARUN, 2015, p. 90) e, por fim, Francisco não é um sonhador (DALARUN, 2015, p. 103) como se supõe atualmente. Confrontar essas ideias e imagens de Francisco são tão necessárias quanto positivas para analisar o manuscrito e melhor compreender o seu sentido no período.

Primeiramente, o manuscrito Assisiano 338 do Sacro Convento foi escrito entre 1240-1250 sob guia de Frei Leão conforme a memória dos primeiros companheiros. Podemos ver a rubrica de Frei Leão no início do manuscrito, se os textos foram “transcritos” ou não por ele, não sabemos ao certo, contudo as rubricas são dele. O poema está escrito em umbro, porém a rubrica está em latim: “Incipiuntur laudes creaturarum quas fecit beatus Franciscus ad laudem et honorem Dei cum esset infirmus apud Sanctum Damianum”<sup>4</sup>.

Em segundo lugar, o problema de Francisco enquanto autor é debatido por muitos especialistas nos seus Escritos. Se ele é o autor ou não, o poema umbro é atribuído à sua autoria. Geralmente, classificam os documentos de sua autoria da seguinte forma: pregações, regras, admoestações e cartas. Entre as pregações, distinguimos por critério linguístico “O Cântico do Irmão Sol”, escrito em umbro. As Legendas dos Três Companheiros e as Compilações de Assis foram utilizadas por Tomás de Celano em

1246/1247 no *Memoriale nel Desiderio dell’anima*, contam como teria surgido o poema, não vamos adentrar em detalhes, mas nas Compilações de Assis, Leão conta que Francisco tinha uma extraordinária veneração pelo fogo, tanto que uma vez não extinguiu o incêndio em sua cela, privando o Irmão Fogo. Já na vida de São Francisco escrita por Tomás de Celano, o Cântico do Irmão Sol não é citado explicitamente (DALARUN, 2015, p. 29).

### **Uma proposta de análise da composição do Cântico**

Não existe um consenso na historiografia em relação ao local e a data exata da composição do Cântico das Criaturas, porém sabe-se que foi nos últimos anos de vida de Francisco. Estima-se que foi escrito entre setembro de 1224 e 03 de outubro de 1226. O poema não tem uma estrutura rítmica rígida, tem uma simplicidade de estrutura e de imagens (PAOLAZZI, 2010, p. 9). Basicamente dividida em dez “estrofes”, de tamanhos diferentes, poderíamos dividi-la em: a primeira como estrofe do Altíssimo ou o prólogo, a segunda como as seis estrofes da Criatura, a terceira parte como as duas estrofes do Perdão e da Morte, e a última como uma estrofe final ou epílogo.

A primeira estrofe consiste no prólogo, a estrofe do Altíssimo, mostrando

um abismo insuperável entre Deus e o homem, claramente um paradoxo, “uma teologia negativa” que parte da constatação que a grandeza de Deus foge da nossa medida ordinária porque Deus não pode ser nomeado ou qualificado, portanto Ele é indizível (DALARUN, 2015, p. 41).

Altissimu, omnipotente, bon Signore,  
Tue so' le laude, la gloria e l'honore et  
omne benedizione.  
Ad Te solo, Altissimo, se konfane,  
e nullu homo ène dignu Te mentovare<sup>5</sup>.

Como vimos, o caráter infalível, incompreensível, indizível de Deus, não se trata de um problema teológico, mas moral, na qual a indignidade do homem o impede de nomear a Deus que deve ser louvado (DALARUN, 2015, p. 43), o homem é indigno de glorificar Deus. Esse abismo só se resolve na última estrofe, quando é apresentada a separação em harmonia “Laudate e benedicite mi' Signore e reingraziate e serviateLi cum grande humilitate”.

Os quatro elementos: ar, água, fogo e terra constituem a base de todas as construções, neste aspecto Francisco articulou a astronomia com a física que, como pode ser observado nas estrofes seguintes, caminham de dois em dois, de quatro em quatro. O vento é “nuvem e sereno”, a água é “útil e humilde, preciosa e casta”, fogo é “belo e jocundo,

robusto e forte”, a terra “sustenta e governa”, ela produz “flores e verduras”.

Laudato si', mi' Signore, per frate Vento  
e per aere, e nubilo e sereno, et omne  
tempo,  
per lo quale a le Tue creature dâi  
sustentamento.

Laudato si', mi' Signore, per sor'Acqua,  
la quale è multo utile et humile e  
preziosa e casta.

Laudato si', mi' Signore, per frate Focu,  
per lo quale ennallumini la notte:  
et ello è bello et iocundo e robustoso e  
forte.

Laudato si', mi' Signore, per sora nostra  
matre Terra,  
la quale ne sustenta e governa  
e produce diversi frutti com coloriti flori  
et herba<sup>6</sup>.

As setes entidades – três celestes e quatro sublunares – são alegorias, assim como os sete dias da criação do Gênesis. Em gênero gramatical, o sol é masculino, assim como o vento e o fogo. Já a lua, a água e a terra são alegorias femininas. Essa alternância do masculino e feminino entre a água e o fogo, entre o vento e a terra. Todos são irmãos e irmãs, mas é uma personificação, o sol é potência, o fogo é “robusto e forte”, enquanto a lua e as estrelas são “preciosas”, a água é “muito útil e humilde, preciosa e casta” (DALARUN, 2015, p. 49-51). E Jacques Dalarun conclui desta parte que as características das criaturas são como um reflexo das características do Criador, a criação é o espelho do Criador, do espelho emana a luz, Deus é o espelho de sua obra. O

sol é o “meu senhor Irmão Sol”, enquanto a terra é “minha irmã mãe Terra”, ao mesmo tempo irmã e mãe. Assim, o único Pai está nos céus e a mãe está na terra, a mãe-terra que nutre e governa.

No poema, Francisco celebra a criação e não a natureza, a dúvida gravita em torno do destinatário da Lauda: “Laudato sie, mi’ Signore”, seria o Criador? Se é ele, quem o Louva? Para responder essas questões é necessário indagar a preposição *per*, muito debatido pelos estudiosos, é possível pensar na hipótese de polissemia para essa preposição. A primeira tradução seria no sentido de causalidade “a causa de”; em segundo lugar, seria possível pensar de forma ocasional “a propósito de”; a terceira seria correspondente ao agir “da parte de” e por último de maneira estrutural, “por meio de”. Se o poema fosse originalmente em latim, a causalidade seria excluída, mas no italiano umbro não. (DALARUN, 2015, p. 61).

Deste modo, a criatura seria o propósito da Lauda enquanto os homens seriam os agentes. Essa dúvida, não é da historiografia atual, as pluralidades de significados possíveis são muitas, porque a preposição possibilita vários sentidos. Sendo assim, poderíamos pensar a seguinte interpretação: se o homem é incapaz de oferecer uma Lauda adequada a Deus, então as outras criaturas assumiriam este papel. Giovanni Pozzi interpreta em outro sentido, o

homem está reduzido ao silêncio, se as outras criaturas não são agentes, mas instrumentos das laudas, por meio da preposição *per*, então as laudas não são destinadas ao Senhor, no sentido de dirigido a ele “A te sono...”, continuando “Da te sono...” e ao Senhor retorna “Tue sono...” (DALARUN, 2015, p. 62).

Outra observação importante, refere-se a “cum” na estrofe dedicada ao sol: “Laudato sie, mi’ Signore, cum tutte le tue creature”. Esta palavra “cum” no sentido de “por meio de” teria o mesmo denominador comum de “per” em italiano, por exemplo, comer com as mãos, sentido “por meio” e não no sentido de companhia. Enfim, a Lauda é o canto de Deus, que cria o mundo numa circularidade que atravessa e arrasta consigo as criaturas. Como observamos, a tradução do poema é complexa, entender o significado das palavras utilizadas implica mais do que um contextualização e conhecimento do italiano vernáculo. Com isso, uma forma mais segura de interpretação dos dados está na confrontação deste Cântico com os outros escritos de Francisco e, sobretudo, com as hagiografias do período que demonstram uma herança das duas primeiras fases do movimento Franciscano.

As últimas estrofes do “Cântico do Irmão Sol” têm como tema o perdão e a morte, num período em que a guerra era uma realidade constante, tanto por parte do papado

quanto do império, a reflexão destas últimas estrofes necessitam relembrar o contexto do período.

Laudato si', mi' Signore,  
per quelli ke perdonano per lo Tuo amore  
e sostengo infirmitate e tribulazione.  
Beati quelli ke 'l sosterrano in pace,  
ka da Te, Altissimo, sirano incoronati.

Laudato si', mi' Signore, per sora nostra  
Morte corporale,  
da la quale nullu homo vivente pò  
skampare.  
Guai a quelli ke morrano ne le peccata  
mortali;  
beati quelli ke trovarà ne le Tue  
santissime voluntati,  
ka la morte secunda no 'l farrà male<sup>7</sup>.

Durante a juventude de Francisco, na cidade de Assis, havia a luta entre os partidários do papa e os partidários do imperador (o chefe do Sacro Império Romano-Germânico) entre os guelfos e gibelinos; também continuava o conflito entre a nobreza das velhas famílias feudais e a nova burguesia mercadora; as comunas urbanas procuravam autonomia a fim de se livrarem da tutela da nobreza latifundiária. Em 1198, Lotário di Segni (1160/1161?-1216) subiu ao trono papal como Inocêncio III (1198-1216), um ano após a morte de Henrique VI. Este papa iniciou uma política de reconquista de territórios perdidos ao império e um dos aspectos desta política foi a proteção das cidades italianas. Na Alemanha havia dois candidatos ao trono imperial: o gibelino Filipe de Suábia, filho de Barba-Ruiva e irmão de Henrique VI, e o guelfo Otto de Brunswick.

Com a morte de Henrique VI em 1196 e da sua esposa Constança pouco tempo depois, o papa Inocêncio III ficou como tutor do príncipe Frederico Rogério (futuro Frederico II), herdeiro do trono, que era neste momento menor de idade. O papa aproveitou a ocasião para um ajuste de contas político, dentre os quais aproveitou para recuperar o ducado de Espoleto. Em 1200, na ausência do duque de Espoleto, Conrado de Irslingen, os assisenses atacaram a fortaleza germânica de *Rocca Maggiore* e a destruíram; foi aprisionada a guarnição alemã e os assisenses recusaram a entregá-los ao papa Inocêncio III. Assim, é provável que Francisco tenha participado destes conflitos, ainda mais porque o ideal cavaleiresco da época com grande probabilidade atingia a juventude assisense (LE GOFF, 2001, p. 60).

Em resumo, os habitantes de Assis aproveitaram a conjuntura política para se livrarem do jugo do imperador e realizarem a ambição de chegar a ser uma comuna independente. Por isso, tomaram a *Rocca*, destruíram-na e fortificaram os muros da cidade de Assis. A partir destas informações, deduzimos que em nenhum momento a cidade de Assis precisava tanto de um Santo para adquirir a sua autonomia em relação à Perúgia e Espoleto, já que Assis se localizava no meio da passagem de ambas as cidades que viviam em guerra.

Com isso, os nobres de Assis que se identificavam com os interesses alemães foram expulsos e muitos fugiram para Perúgia, onde se encontrava o centro do poder imperial. Nesta ocasião, Perúgia e Assis declararam guerra entre si e sucederam batalhas na Ponte San Giovanni sobre o Tibre, mas a cidade de Perúgia venceu o conflito. A paz entre as duas cidades só foi concluída no ano de 1203.

Como filho de mercador, Francisco pertencia ao partido do povo, a parte não-nobre que aspirava a glória cavaleiresca. Ele teria participado da batalha de *Collestrada* em 1202, na qual foi prisioneiro. Em 1205, no caminho para Puglia teria feito parte do exército papal na guerra contra o imperador (DALARUN, 2015, p. 70). De qualquer forma, as últimas estrofes do poema reportam a questão da paz.

É possível pensar que a estrofe do perdão, fosse originariamente a estrofe das tormentas. Para Carlo Paolazzi (2010) entender esses trechos não pode ser no sentido literal, além disso, precisa separar os trechos, deve ser interpretada como um eco da paz, por isso se faz necessário retirar o trecho do perdão, para compreender o trecho da paz, levantando a hipótese de que a estrofe da morte foi acrescentada posteriormente. Desse modo, a leitura separada é fundamental, pois os trechos foram escritos em diferentes épocas.

E a última parte, “Laudate e benedicite mi’ Signore e rengriate e servateli cum grande humilitate”<sup>8</sup>, remeteria ao homem reconciliado com a criação e finalmente adquiria o direito de nomear o Altíssimo. Assim, o verso do perdão poderia ser interpretado como a reconciliação entre o bispo e o poder, entre a igreja e o poder local, entre o império e o papado. Reconciliação do homem com Deus, a mais indigna criatura com o seu Criador, um poema que é próprio da poesia, exerce um fascínio e suprime o raciocínio lógico argumentativo, porque a metáfora é complexa, as hipóteses são inúmeras. É uma *Lauda* sem polêmica, poesia com um vocábulo em harmonia, um cântico para ser cantado em voz alta, por isso o espaço em branco na primeira folha do manuscrito 338. A execução do Canto era coletiva e se pensarmos nas sutilezas e aliterações de uma música, a maior parte das estrofes possuem rimas (DALARUN, 2015, p. 100-101).

Ao ler o “Cântico” não podemos deixar de pensar nas expressões que fazem parte do universo franciscano, são elas, a pobreza, a humildade, frade menor, que na opinião dos autores citados são “contra valores” daquela sociedade, o modo de seguir Cristo e a escolha de seguir Cristo pobre.

Para pensar o conceito de pobreza, partimos dos postulados de Lothar Hardick (1995, p. 1551), “a pobreza não é um conceito

abstrato cujo sentido permaneceria imutável em todos os tempos e lugares”. Dessa forma, a pobreza depende das condições sociais assim como a riqueza, é um valor relativo que só pode ser determinado em função das condições de vida econômico-sociais nos diversos povos e em diferentes tempos. Segundo o autor existem muitos significados na concretização da pobreza ao longo da Idade Média. No entanto, a pobreza sempre esteve ligada mais ou menos a uma notável falta dos bens que são colocados à disposição de todos como propriedade, consumo ou meio de trabalho. Hardick nos aponta que o movimento da pobreza voluntária não é exclusividade do cristianismo e muito menos do franciscanismo, que não trouxe novidade, mas ressignificou algo já presente na doutrina cristã. E conclui, Francisco não foi o único entusiasta da pobreza no seu tempo, tivemos vários movimentos pauperísticos que foram considerados heréticos segundo o ponto de vista católico romano como os Pobres de Cristo, os cátaros, os Humilhados, os Valdenses, os Pobres Católicos e os Pobres Reconciliados (HARDICK, 1995, p. 1551).

Francisco propôs um ideal de vida caracterizado por uma existência pobre, que preconizava a ausência de propriedade, a recusa de provisões, do dinheiro, dos cargos e do poder, bem como a disposição de viver de esmolas em favor de uma fraternidade equânime, universalmente pobre em bens

materiais. Este modo de vida foi adaptando-se ao crescimento da *urbe* medieval e da Ordem. Na Regra de 1221, a pobreza tinha a forma sobretudo da renúncia dos bens, principalmente com a proibição de receber, na ocasião, “*aliquam pecuniam, neque per se, neque per interpositam personam*”. A proibição de receber dinheiro era uma constante no modo de viver pauperístico de Francisco e companheiros, sempre reportando a uma tipologia ideal e idealizada de Cristo e dos Apóstolos: Cristo que se “fez pobre por nós neste mundo” e, segundo a Regra de 1221, o não receber dinheiro parecia ir de acordo com a real utilidade prática que a pecúnia representava no período: “*Quia non debemus maiorem utilitatem habere et reputare in pecunia et denariis quam in lapidibus*”, confirmada pela passagem em que se proibiu aos frades a intromissão nos “*temporalibus negotiis*” ou de receber dinheiro de postulantes no ato da expropriação dos seus bens. Os frades itinerantes que exerciam uma profissão artesanal podiam ter “*ferramenta et instrumenta suis artibus necessari*”, mas ninguém podia “*ubicumque sit et quocumque vadit, aliquo modo tollat, nec recipiat, nec recipi faciat pecuniam aut denarios, nec occasione vestimentorum, nec librorum, nec pro pretio alicuius laboris, immo nulla occasione, nisi propter manifestam necessitatem infirmorum fratrum*”<sup>9</sup>.

Na Regra bulada de 1223, no capítulo seis, a ausência de bens foi fixada pelas seguintes frases “Fratres nihil sibi approprient nec domum nec locum nec aliquam rem. Et tanquam peregrini et advenae (cfr. 1Pet 2,11) in hoc saeculo in paupertate et humilitate Domino famulantes vadant pro eleemosyna confidenter, nec oportet eos verecundari, quia Dominus pro nobis se fecit (cfr. 2Cor 8,9) pauperem in hoc mundo” e no capítulo doze “paupertatem et humilitatem et sanctum evangelium Domini nostri Jesu Christi, quod firmiter promisimus, observemus.”. Ou seja, os elementos básicos da pobreza franciscana configuram-se por meio das recomendações de vestuário vil, da privação de calçados, da ausência de domicílio fixo, da subsistência pelo trabalho manual cotidiano, da rejeição ao dinheiro e do recurso humilhante à esmola, podemos sintetizá-los na negação de toda forma de apropriação. Conforme Doyle, Francisco abraçou a pobreza e o que ele chamava de *Madonna Povertà*, não era apenas uma questão econômica, mas uma liberação de todas as atitudes que esbarravam na união com Deus e a criação, “si spogliò di ogni cosa, non solo dei beni material, ma anche di quell’orologio che giudica tutte le cose col metro corto di ciò che è razionale, che dissimula paure che hanno radici profonde, incompreensione e ignoranza...” (DOYLE, 1982, p. 69).

Francisco foi um ícone importante para além do tempo em que ele vivia, não somente porque teve uma popularidade estimulada pela Igreja romana, mas sobretudo porque a sua proposta de vida evangélica foi um modelo apropriado por diversos pensadores cristãos ou não, que elegeram o *exemplum* do pobre de Assis como um grito aos excluídos ao longo dos séculos e que se faz sentir nos dias atuais se pensarmos nos vários movimentos sociais da atualidade (VAUCHEZ, 2009, p. 357) e na política da Igreja Romana.

Seja à luz da historiografia atual ou sob a ótica da interpretação franciscana, o Cântico do Irmão Sol apresenta uma visão do universo nova para o século XIII em relação aos temas das estrofes, além de romper com a tradição em latim dos cantos.

### Considerações finais

Para concluir, lembramos que no início do livro “Le cantique de Frère soleil: François d’Assise reconcilié”, Jacques Dalarun faz duas importantes observações (DALARUN, 2014, p. 1). A primeira é que no ano de 2013 o cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio eleito papa no dia 13 de março, escolheu o nome Francisco – nome do santo mais popular da Igreja Católica – sem um número ordinal e na sua encíclica mencionou “uma Igreja pobre para os pobres”<sup>10</sup>,

reportando ao ideal de vida franciscano. A segunda observação refere-se ao programa francês de *agrégation* de dezembro de 2014<sup>11</sup> que institui “O Cântico do Irmão Sol” como parte da bibliografia do concurso de recrutamento de docentes para o ensino da língua italiana nos liceus franceses. Ambos classificados pelo autor como “transgressões” pelo fato de “um idiota, um iletrado, um simples e popular” ser um ponto de referimento para um pontífice e para o exercício universitário francês nos dias atuais.

Na verdade, o arquétipo São Francisco não age apenas entre seus ‘filhos’; exerce uma fascinante atração difusa, como santo e como Francisco de Assis. Aqui não é preciso deter-se em razões e mecanismos, institucionais e culturais (antropologicamente culturais), através dos quais o arquétipo se transforma em veículo de ideologia ou de ideologias e, portanto, em agente de responsabilização individual e coletiva. (MERLO, 2005, p. 17).

Attilio Bartoli Langelli (DALARUN, 2015, p. XII) na apresentação da tradução italiana do livro “Il Cantico di Frate Sole. Francesco d’Assisi riconciliato” de Jacques Dalarun, coloca o Cântico como algo que de fato Francisco de Assis “fez” porque o poema não nasce escrito, nasce cantado, cantado na memória dos frades, em particular Frei Leão. Por isso, não importa a distância em que foi transcrito, mas o significado do seu conteúdo, especificamente da transcrição do 338, enfim a autoria deste é atribuída a São Francisco,

contudo sabemos que a problemática de autoria na Idade Média é complexa, ele não escreveu, mas é atribuído a autoria ao Santo.

De um lado, os estudos da espiritualidade de Francisco como Éloi Leclerc, Eric Doyle e Carlo Paolazzi, de outro os biógrafos e historiadores, como André Vauchez, Chiara Frugoni, Jacques Le Goff, Raoul Manselli e Jacques Dalarun que indagaram o santo, a pessoa, o homem Francisco. A importância deste manuscrito não é somente na classificação de escritos atribuídos ao Pobre de Assis, mas também no olhar dos especialistas para esses escritos como fonte historiográfica, um ponto essencial para entender a complexidade do movimento Franciscano no medievo. Como vimos ao longo deste artigo “O Cântico do Irmão Sol” é um documento que resumiria a vida e o ideal de espírito de Francisco reconhecido pelos historiadores como uma fonte (DALARUN, 2010) fundamental para entender o cristianismo do século XIII.

Poderíamos colocar este poema como inaugurador da literatura italiana? Sem dúvida, uma fonte que testemunha os primeiros passos das línguas vernáculas no medievo. Enfim, “O Cântico do Irmão Sol” é um texto inédito escrito em um tempo antes de Dante Alighieri (1265-1321) pois nasce nos primeiros decênios do século XIII. Além disso, a partir do seu conteúdo depreendemos temas como a paz, a harmonia do mundo, que

poderia ser uma reflexão das lutas intestinas de uma sociedade de comunas italianas em franco crescimento marcada por contradições, intervenções papais ou do imperador, tensões entre bispos e o poder local, entre outros aspectos. O Cântico seria uma forma de pacificar os conflitos se pensarmos na questão da paz social no medievo? *Canticum fratris Solis* foi objeto de tantas hipóteses. O Cântico assegura a São Francisco um lugar entre os místicos-poetas (DOYLE, 1982, p. 57). O poema convida para o contemplar de um mundo pacificado, de maneira simples e mútua, a partir do próprio homem como um centro e equilíbrio funcional da criação, portanto da sociedade do início do século XIII. O “Cântico do Irmão Sol ou das Criaturas” é uma poesia feita para disseminar o cristianismo naquele período que, embora tenha sido pensada e escrita numa língua vernácula, revela uma erudição excepcional, antes dos escritos de Dante.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

**Cântico das Criaturas.** Disponível em: <http://www.capuchinhos.org/franciscanismo/franciscanismo-escritos/635-cantico-das-criaturas> Acesso: 30 jan. 2018.

**Manuscrito 338 da Biblioteca do Sacro Convento de Assis.** Disponível em:

[http://www.internetculturale.it/jmms/iccuviewer/iccu.jsp?id=oai%3Awww.internetculturale.sbn.it%2FTeca%3A20%3ANT0000%3APG0213\\_ms.338&mode=all&teca=MagTeca++ICCU](http://www.internetculturale.it/jmms/iccuviewer/iccu.jsp?id=oai%3Awww.internetculturale.sbn.it%2FTeca%3A20%3ANT0000%3APG0213_ms.338&mode=all&teca=MagTeca++ICCU) Acesso: 30 jan. 2018.

MENESTÒ, Enrico & BRUFANI, Stefano. **Fontes Franciscani.** Assis: Edizioni Porziuncola, 1995, pp. 169-181.

### Bibliografia

DALARUN, Jacques. **Il Canto di frate sole:** Francesco d’Assisi riconciliato. Milano: Edizioni Biblioteca Franciscana, 2015.

DALARUN, Jacques. **Le cantique de Frère soleil:** François d’Assise réconcilié. Paris: Alma éditeur, 2014.

DALARUN, Jacques (org.). **François d’Assise.** Écrits, Vies, témoignages. Paris: Sources franciscaines, 2010.

DOYLE, Eric. **Francesco e il cantico delle creature.** Inno della fratellanza universale. Assisi: cittadella, 1982.

HARDICK, Lothar. Povertà, povero. In: CAROLI, Ernesto (org.). **Dizionario Franciscano:** Spiritualità. Padova: Messaggero di S. Antonio, 1995, pp. 1551-1588.

LECLERC, Éloi. Canto, cantico. In: CAROLI, Ernesto. **Dizionario franciscano.** Spiritualità. Padova: Edizioni Messaggero, 2002, p. 135-147.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MANSELLI, Raoul. **São Francisco**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MERLO, Grado G. **Em nome de São Francisco**. História dos Frades Menores e do franciscanismo até inícios do século XVI. Trad. Ary E. Pintarelli. Petrópolis: Vozes/FFB, 2005.

MICCOLI, Giovanni. **Francisco de Assis: Realidade e memória de uma experiência cristã**. Petrópolis: Vozes, 2004.

PAOLAZZI, C. **Il Cantico di frate Sole**. Assisi: Porziuncola, 2010.

SABATIER, Paul. **Vida de São Francisco de Assis**. Bragança Paulista: Editora universitária de São Francisco, Instituto Franciscano de Antropologia, 2006.

SILVA, Brás José da. **A fraternidade cósmica na perspectiva do Cântico das Criaturas**. Uma contribuição de São Francisco de Assis para a teologia mística. 2010. Tese de Doutorado em Teologia. Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2010.

VAUCHEZ, A. **François d'Assise**. Entre histoire et mémoire. Paris: Fayard, 2009.

URIBE, F. **Por los caminos de Francisco de Assis**. Oñate: Franciscana Aránzazu, 1990.

## NOTAS

<sup>i</sup> É professora de História Antiga e Medieval do Departamento de História e docente do Programa de Pós-graduação em História e Estudos culturais da Universidade Federal de Rondônia, Campus José Ribeiro Filho, em Porto Velho. Bacharel (2005) e licenciada (2006) em História pela Universidade de São Paulo, concluiu o Mestrado (2010) e o Doutorado (2016) em História Social na Universidade de São Paulo. Foi bolsista da École française de Rome (EFR) numa estadia de pesquisa de seis meses.

<sup>ii</sup> O manuscrito completo 338 do Sacro Convento encontra-se disponível em:  
[http://www.internetculturale.it/jmms/iccuviewer/iccu.jsp?id=oai%3Awww.internetculturale.sbn.it%2FTeca%3A20%3ANT0000%3APG0213\\_ms.338&mode=all&teca=MagTeca+-+ICCU](http://www.internetculturale.it/jmms/iccuviewer/iccu.jsp?id=oai%3Awww.internetculturale.sbn.it%2FTeca%3A20%3ANT0000%3APG0213_ms.338&mode=all&teca=MagTeca+-+ICCU) Acesso: 30 jan. 2016.

<sup>3</sup> Tradução: Louvado sejas, ó meu Senhor, com todas as tuas criaturas, especialmente o meu senhor Irmão Sol, o qual faz o dia e por ele nos alumias. E ele é belo e radiante, com grande esplendor: de ti, Altíssimo, nos dá ele a imagem. Louvado sejas, ó meu Senhor, pela irmã Lua e as Estrelas: no céu as acendeste, claras, e preciosas e belas. Disponível em:

<http://www.capuchinhos.org/franciscanismo/franciscanismo-escritos/635-cantico-das-criaturas> Acesso em: 30 jan. 2018.

<sup>4</sup> Aqui começam os louvores das criaturas que o abençoado Francisco fez para o louvor e glória de Deus enquanto ele estava doente em São Damião. Tradução nossa.

<sup>5</sup> Tradução: Altíssimo, onnipotente, bom Senhor, a ti o louvor, a glória, a honra e toda a bênção. A ti só, Altíssimo, se não-de prestar e nenhum homem é digno de te nomear. Disponível em:

<http://www.capuchinhos.org/franciscanismo/franciscanismo-escritos/635-cantico-das-criaturas> Acesso em: 30 jan. 2018.

<sup>6</sup> Tradução: Louvado sejas, ó meu Senhor, pelo irmão Vento e pelo Ar, e Nuvens, e Sereno, e todo o tempo, por quem dás às tuas criaturas o sustento. Louvado sejas, ó meu Senhor, pela irmã Água, que é tão útil e humilde, e preciosa e casta. Louvado sejas, ó meu Senhor, pelo irmão Fogo, pelo qual alumias anoite: e ele é belo, e jucundo, e robusto e forte. Louvado sejas, ó meu Senhor, pela nossa irmã a mãe Terra, que nos sustenta e governa, e produz variados frutos, com flores coloridas, e verduras. Disponível em: <http://www.capuchinhos.org/franciscanismo/franciscanismo-escritos/635-cantico-das-criaturas> Acesso em: 30 jan. 2018.

<sup>7</sup> Tradução: Louvado sejas, ó meu Senhor, por aqueles que perdoam por teu amor e suportam enfermidades e tribulações. Bem-aventurados aqueles que as suportam

---

em paz, pois por ti, Altíssimo, serão coroados. Louvado sejas, ó meu Senhor, por nossa irmã a Morte corporal, à qual nenhum homem vivente pode escapar: Ai daqueles que morrem em pecado mortal! Bem-aventurados aqueles que cumpriram a tua santíssima vontade, porque a segunda morte não lhes fará mal. Disponível em: <http://www.capuchinhos.org/franciscanismo/franciscanismo-escritos/635-cantico-das-criaturas> Acesso em: 30 jan. 2018.

<sup>8</sup> Tradução: Louvai e bendizei a meu Senhor, e dai-lhe graças e servi-o com grande humildade. Disponível em: <http://www.capuchinhos.org/franciscanismo/franciscanismo-escritos/635-cantico-das-criaturas> Acesso em: 30 jan. 2018.

<sup>9</sup> Ver regula bullata: MENESTÒ, Enrico & BRUFANI, Stefano. *Fontes Franciscani*. Assis: Edizioni Porziuncola, 1995, pp. 169-181.

<sup>10</sup> Carta encíclica “Laudato si” do Papa Francisco sobre o cuidado da casa comum. Disponível em: <http://docplayer.com.br/424962-Carta-enciclica-laudato-si-do-santo-padre-francisco-sobre-o-cuidado-da-casa-comum.html> Acesso em: 30 jan. 2018.

<sup>11</sup> Pode ser conferido no seguinte sítio da *Agregation d’Italien* de 2015 da Biblioteca Nacional da França do Departamento de Literatura e Arte. A bibliografia seletiva que traz na capa um afresco de Giotto da Basílica de Assis na Itália, o papa Inocêncio III aprovando a Regra franciscana em 1210, e um conjunto de livros sobre a temática de São Francisco e do Franciscanismo, incluindo o Cântico do Irmão Sol, disponível em: [http://www.bnf.fr/documents/biblio\\_agreg\\_it\\_2015.pdf](http://www.bnf.fr/documents/biblio_agreg_it_2015.pdf) Acesso em: 30 jan. 2018.

Recebido em: 13/07/2018.

Aprovado em: 30/07/2018.

Publicado em: 31/08/2018.